

Wall Street festeja o acerto

MOISÉS RABINOVICI, DE WASHINGTON

As ações dos cinco maiores credores do Brasil continuaram subindo na Bolsa de Valores de Nova York, ontem, incentivadas pela previsão de que eles deverão ganhar cerca de US\$ 1.245 bilhão, neste ano, com o acordo preliminar da dívida que foi anunciado anteontem.

"Esta é uma ótima notícia", disse uma importante fonte envolvida nos nove meses de negociações entre o Brasil e o comitê de bancos credores. "Ela poderá ajudar muito na difícil venda do pacote brasileiro à comunidade financeira internacional."

O Brasil, que vai pagar hoje a seus credores cerca de US\$ 350 milhões dos juros atrasados de março, e mais US\$ 1 bilhão na próxima terça-feira, para abril e maio, pode ser considerado de novo um grande negócio, depois de ter levado muitos dos grandes bancos americanos ao vermelho, no ano passado, ao obrigá-los a aumentar bilhões de dólares em suas reservas.

As ações do Citicorp, o maior credor do Brasil, subiram de US\$ 24,375 para US\$ 24,5. As do Chase Manhattan, que já tinham subido US\$ 1 anteontem, passaram de US\$ 29 para US\$ 29,5. As do Bankamerica tiveram um aumento de 0,375 centavos de dólar, fechando a US\$ 12,75. As do Manufacturers Hanover fecharam em US\$ 30,625, ou mais 75 centavos. E as do Morgan, a US\$ 38,75, uma alta de 50 centavos.

A previsão de uma corretora especializada em ações de bancos, a Keefe, Bruyette & Woods Inc., é de que os dez maiores ban-

cos americanos acrescentarão US\$ 1,6 bilhão a seus lucros, neste ano, se o Brasil ficar em dia com seus pagamentos. O Citicorp ganharia US\$ 388 milhões; o Chase Manhattan, US\$ 225 milhões; o Bankamerica, US\$ 331 milhões; o Manufacturers Hanover, US\$ 150 milhões e o J.P. Morgan, US\$ 151 milhões.

Só o Manufacturers Hanover admitiu que o estudo da corretora, publicado pelo *Wall Street Journal* de ontem, estava certo. O Citicorp adiantou uma outra cifra, descontados os impostos: US\$ 300 milhões. O Bankamerica, somando o ano passado e o primeiro trimestre de 88, apresentou uma conta menor, totalizando US\$ 199 milhões.

Apesar das diferenças, há um consenso, no setor bancário americano, de que o fim formal da moratória brasileira poderá se transformar numa benção para os bancos.

"O problema é vender o pacote. Isto será muito difícil e complicado" — repetiram algumas fontes ouvidas ontem pelo JT.

Calhamaço

O *term sheet*, como os banqueiros chamam o documento que contém os principais aspectos das negociações, começará a ser enviado para os quase 700 credores brasileiros a partir deste fim de semana. Não será uma operação fácil. Quando o JT perguntou ao porta-voz do comitê de bancos credores como o *term sheet* seria despachado, ele brincou: "Por trem..."

O documento ficou, no final,

com 160 páginas. Um livro. Sua impressão ia começar ontem. Quem participou das negociações lembra: "O *term sheet* está bastante detalhado, tendo ao todo nove contratos". Telex ou Telefax já eram descartados. O meio mais provável será o correio. "Isto talvez demore uns dois meses", calcula uma fonte, que explica:

"A venda do pacote começou, na verdade, com o comunicado conjunto anunciando o final das negociações. É por isso que a versão em inglês saiu um pouco diferente da que foi divulgada em Nova York. Houve já uma preocupação de marketing para a platéia internacional. Um ressabou, por exemplo, que o valor do pacote seria US\$ 5,2 bilhões, atentando para o médio prazo. Outro, incluiu os US\$ 600 milhões da reposição das linhas de curto prazo. Um deu mais ênfase ao FMI. Outro, à cláusula de salvaguarda. São pequenas diferenças. Nada substancial."

Uma primeira crítica ao pacote, ouvida no Brasil, já era rebatida, ontem, em Washington: a de que os esquemas de financiamento paralelo e o co-financiamento previstos darão ao Banco Mundial o poder de veto sobre empréstimos dos bancos comerciais.

"Isto não é verdade", disse um porta-voz do Banco Mundial. "Se não estivéssemos envolvidos, os empréstimos não existiriam". Dos US\$ 5,2 bilhões de novos empréstimos, US\$ 750 milhões sairão em forma de co-financiamento e US\$ 2,85 bilhões, como financiamentos paralelos, ambos com o Banco Mundial.